

ninguem mais será licito ir de encontro á vontade nacional, legal e legitimamente manifestada em acto definitivo — a constituição politica deste grande paiz.

Por emquanto, tudo é provisorio, como o proprio governo, com louvavel franqueza, reconhece e proclama. Antigos conservadores, antigos liberaes, antigos republicanos, sob o regimen da monarchia deposta pela revolução militar, hoje estamos todos como o proprio governo constituído, no dominio do provisorio apenas, submissos á logica dos esperados e proximos acontecimentos, logica que será inflexivel e incontrastavel procedendo da soberania nacional.

Venha a Constituinte, e, com ella, o regimen do direito e da liberdade confiscados em nome da ordem social, e sem cuja reivindicação chegaríamos miseravelmente aos extremos affrontosos em que, na phrase de Laménais, nenhum outro futuro resta mais á sociedade sinão uma dissolução hedionda, uma morte inevitavel e um sepulcro infame».

— (Da ORDEM) —

Alguns dias depois, tendo o dr. Cesario Alvim necessidade de ir ao Rio, para se entender com os membros do Governo Provisorio, passou-me, de novo, o Governo da Provincia, que exerci de 15 a 23 de dezembro. Nesse periodo, nada occorreu de interessante; estavamos numa situação completamente normalizada.

Antonio Olyntho dos Santos Pires.

Bernardo Guimarães na intimidade

POR

Carlos José dos Santos

O antigo professor Carlos José dos Santos conviveu largo tempo, em Ouro Preto, com o notavel romancista e poeta mineiro, Bernardo Guimarães.

O estudo que se segue, em linguagem singela e repassada de saudades, fixa reminiscencias do tempo de tal convivio.

Da Direcção.

Bernardo Guimarães na intimidade

Pelo amigo e admirador do poeta, Carlos José dos Santos

Traçar as impressões profundas, recebidas pela minha alma na infancia, junto a uma entidade de eleição como a de Bernardo Guimarães, transmittir o que tão agradavelmente recolhi das influencias maravilhosa, desse astro de primeira grandeza no céu das letras patricias, desde o momento em que meus olhos o viram; tracejar, pallidamente embora, o perfil de tão distincta quão importante personalidade; é tarefa mui superior ás forças de quem já sente a intelligencia aortecida pela acção devoradora dos annos.

Nasceu Bernardo Guimarães, em Ouro Preto, a 15 de agosto de 1825, e falleceu, na mesma cidade, a 10 de março de 1884, contando 59 annos de idade.

Era filho de João Joaquim da Silva Guimarães, notavel cultor das letras, que, aos 80 annos de idade, falleceu em Ouro Preto.

Era João da Silva Guimarães da escola classica, como diz o dr. Badaró, o qual, apesar disso, tinha um cunho original, não se deixando avassalar pelos abusos das illusões mythologicas, como os seus contemporaneos de Portugal e do Brasil; inspirava-se sempre nos principios de uma philosophia christan, revelando nobres sentimentos de um coração bem formado e qualidades de um character puro e honrado. Seu irmão o Padre Manoel Joaquim da Silva Guimarães, era tambem poeta, havendo, infelizmente, fallecido muito moço ainda.

As scenas dos sertões, a vida campezina davam-lhe inspirações cheias de bellas harmonias, levando-o, como a seu irmão Bernardo, a emancipar-se do estylo lusitano, como se vê da poesia que se segue:

«NÃO QUEIRAS MORRER»

Porque motivo, linda e fresca rosa,
Inclinas para o chão a fronte pura?
Porque tão cedo, virgem lacrimosa,
Suspiras pela paz da sepultura?

Não, não queiras morrer. No albôr da vida,
Na quadra da esperança e da ventura,
Quando as flores colher o céu convida,
Não, não falles na paz da sepultura.

Não, não queiras morrer. Deus te conforte!
Nem sempre no céu reina noite escura
Moça e linda, qual és, pede outra sorte
Ah! não queiras tão cedo a sepultura!

Não, não queiras morrer. Flor tão mimosa
Não deve, assim, murchar na desventura.
Resista aos vendavaes a fragil rosa,
Não traz a aurora o véo da sepultura.

Não penses em morrer. E' cedo ainda;
Pede, espera do céu paz e ventura.
Não morras, não; sê forte, como és linda;
Não, não queiras a paz da sepultura.

Não, não chames a morte. A'quella estrella
A mais formosa que no céu fulgura,
Confia o teu destino e ao brilho della
Esquece-te da paz da sepultura.

Nomeado juiz municipal de Catalão (Goyaz), para aquella cidade dirigiu-se Bernardo Guimarães, cavalgando o seu decantado CYSNE (1), de casaca e cartola.

Pouco tempo lá esteve. (2)

Conheci-o, em 1856, já como professor de Grammatica, Philologia e Rhetorica no Lyceu Mineiro.

Suas aulas eram boas e muito frequentadas. Em certa ocasião, como não tivesse alumnos para apresentar a exame, escreveu em seu re-latorio:

Quanto aos estudantes,
São uns villipendios;
Quando não têm cobres,
Vendem os compendios!

De uma feita, encontrou uma empregada de sua casa chorando co-piosamente, por se haver quebrado um catita, que ella tinha sobre a mesa.

(1) O Cysne é o celebre cavallo, que Bernardes demontou nos Cantões da No-lidão.

(2) A' pedicatura do poeta em Catalão refere-se a aneddotta, comumente contada de haver Bernardo dado liberdade aos presos, que encontrou na cadeia local. Indagando eu ao poeta sobre a veracidade de tal acontecimento, respondeu-me negativamente. E, pois, mais uma das muitas inverdades, que se tem querido attribuir ao poeta.

Immediatamente, tomando um pedaço de papel, escreveu estes versos:

Aqui, em cima desta mesa,
Eu tinha um bello catita,
Com a carinha tão bonita,
Tocando no seu flautim...

Coitado do meu catita!
Que teve o mais negro fim..

Valei-me, Senhor dos Passos!
Meu catita está sem braços,
Não pode a flauta tocar
Uma tão triste dôr
Hei de sempre lamentar... 1)

Chamado para fazer parte do corpo docente do Collegio de Congonhas do Campo, deram-lhe a cadeira de Philosophia. Ficou contrariado com o procedimento do Reitor do Collegio, a quem pedira a cadeira de Portuguez e Rhetorica.

Na primeira aula, estavam todos de batina, e Bernardo começou solenemente:

Vou pregar um sermão de São Coelho
Com seu barrete vermelho...
Nos tempos da moura torta,
Viu-se um sapo de espadim
Que perguntava em latim
Pela casa da mosca morta...

Em frente á sua casa, havia um padeiro e, em seguida, um negociante, que vendia um delicioso vinho Figueira superior, a 500 rs. a garrafa.

O poeta costumava chamar-me e, mostrando as duas casas dizia-me: «Mandei chamar-te, porque vou dizer missa e quero que ajudes a ella a temes pão e vinho».

De uma feita, comprou uma *besta* de capim (2), entregando ao capineiro uma nota de 20\$00 para que tirasse os 18\$00 da carga. O sujeito desapareceu... Durante alguns dias, o nosso poeta, ficava á janella e perguntava, por troça, pelo troco. Mas não foi tudo. Emquanto Bernardo esperava tal troco, entrou pela casa outro individuo: «Seu doutor, Você pode me dar, agora, o dinheiro do capim?»

(1) Vão os versos, que guardei de memoria. E' provavel que tenha escapado alguma incorrecção, quebra de metrica, etc., que o poeta não commetteria. Após tantos annos, é natural alguma imperfeição, que deve ser attribuida á memoria do narrador e nunca ao exercicio vate patricio.

(2) Denominava-se *besta* de capim uma grande quantidade de capim que se comprava para animaes de cocheira.

«Não tenho dinheiro
Sou um homem pobre,
Por mais que me dobre,
Pelo mundo inteiro...»

E assim foi levando o homem até á porta, em meio de uma sa-
raivada de versos engraçadíssimos. Retirou-se o sujeito encantado e si
o poeta não teve mais notícias de seus 20\$000, ao menos não pagou o ca-
pim duas vezes...

Como muito bem attentou o Dr. Badaró, Bernardo Guimarães era
um homem simples, chegando mesmo a ser muito humilde. Sempre
cuidou, com o angelico Santo Agostinho, que a humildade sómente faz
bem e communica paz e tranquillidade á consciencia: «Ubi charitas, ibi
humilitas est. Ubi humilitas, ibi pax».

Era uma acerrimo inimigo das honrarias. Em nossa longa convi-
vencia de tantos annos, nunca o ouvi fallar em politica; e era, entre-
tanto, um patriota ardente e devoto. Durante a guerra do Paraguay,
o seu estro sempre vibrou de patriotismo sincero e a sua lyra inspirada
afinou accordes vibrantes dos mais entusiasticos hymnos patrioticos.

Em 1842, contando apenas 17 annos, Bernardo Guimarães tomou par-
te na batalha ferida na cidade de Queluz de Minas. Em companhia
do inesquecivel José Ferreira de Araujo (Gutenberg) puxou uma peça
de artilharia.

O nosso poeta achava-se bem entre as crianças e evitava os moços
recentemente formados em São Paulo, *maxime* quando queriam exhibir-
se perante elle. Certa vez, um delles (o Dr. Jeronymo Penido) apan-
hando-o, perguntou-lhe: «Sei que vae publicar novas poesias, que
título vae dar-lhes?»

«Direitos... novos e velhos...» respondeu immediatamente Ber-
nardo Guimarães. Essas respostas promptas e engraçadas eram fre-
quentes. Na reorganização do Lyceu Mineiro, depois de lido o discurs-
so de que fôra encarregado, como professor de Rhetorica, o Dr. Salda-
nia Marinho, Presidente da Provincia, perguntou-lhe: «Bernardo, qual
o auctor que você adopta na aula?» «Simão de Nantua», respondeu
logo.

Discutindo, uma vez, o Dr. Lagoa, professor de Philosophia, com
o Dr. Carneiro, José Rodrigues Duarte, Joaquim Cypriano e outros,
sobre a existencia da alma, como operam as impressões, que vão ao
cerebro, as suas faculdades, etc., logo, após sua retirada do corpo,
estava o Bernardo calado, accendendo um eterno cigarro, de repente
pulou no meio delles e disse: «Escutem, já sei!»

Todos se enlaram. O Dr. Lagoa tinha uma conversação tão grave
que até incommodava. Disse o Lagoa: «Vamos ouvir a opinião do
Bernardo». Disse elle: «Já sei, descobri o verdadeiro caminho para o
céo. Por onde é? E' alli, por São José do Chopotó!»

Estando no Rio, trabalhava em diversos jornaes. Não sabia tachy-
graphia. Tomava o resumo dos discursos dos senadores para a «Actua-
lidade», jornal importante da época.

Certa vez, estava orando o Marquez de Olinda, e o Bernardo pres-
tava-lhe toda a attenção.

O Marquez incommodou-se com isso e quando acabou, disse-lhe:
«Sr. Bernardo, estava me encarando tanto! E' preciso dizer-lhe que
vim hoje de calças brancas e quando assim me vistes, é porque estou atacado
de outras cousas...»

Tempos depois, voltou para Ouro Preto. Já não existia seu pae.
Foi morar com um parente, um pouco sovina. Certo dia, recebi d'elle,
o seguinte bilhete, que ainda conservo:

«Mon ami. Pourquoi ne venez-vous pas chez moi?»

«Ne savez-vous pas que je suis enrhumé et solitaire dans ce sombre
cachot? J'ai quelque chose à vous dire. Venez, s'il vous plaît, jus-
qu'ici, un petit moment ou, si vous ne pouvez pas, attendez moi chez
vous aujourd'hui nuit close. Votre ami Bernardo Guimarães.»

A tardinha, fui á sua casa. Levei-o para a nossa residencia. A
esse tempo, moravam commigo os estudantes Juca Pinto e Candido Ce-
bolla, meu Pae, o Capitão José Ignacio dos Santos e meu mano João
Ignacio. Observei que Bernardo conduzia uma pequena trouxa no braço.
Era uma preciosa blusa de brim pardo, que lhe havia dado Gonçalves
Dias, no Rio de Janeiro.

No dia seguinte, enfiou-se nella o nosso poeta.

Quando esses estudantes (de pharmacia) liam suas lições, Bernardo,
sómente pela leitura dellas, as explicava magistralmente aos rapazes,
com irreprimivel pasmo nosso. Outras horas, passava com elles a can-
tar e tocar violão, em uma convivencia encantadora.

Foi durante essa estadia em nossa casa, que o poeta compoz o seu
famoso drama «A Inconfidencia».

Encarreguei-me de levar á scena esse drama. A representação foi
no theatro da cidade de Ouro Preto, causando extraordinaria emoção
nos expectadores, que o applaudiram sem reservas.

Tomaram parte na interpretação dessa obra prima:

O coronel Agostinho Cabral, o Prof. Randolpho Bretas, Elízario da
Rocha (no papel de Tiradentes), João Bandeira (Claudio Manoel da
Costa), coronel Antonio Hermogenes (Ermitão da Serra do Caraça),
Pedro Angelo e Santos Augusto da Silva.

Naquelle tempo, as mulheres não tomavam parte em representações
theatraes, de sorte que o papel de Marilia foi interpretado por Antonio
Nunes Bandeira, que era, então, muito joven ainda.

O ponto foi o Cap. João Antonio Affonso, pae do Visconde de Ouro
Preto.

Era presidente da provincia o Conego Sant'Anna, que recebeu com
muita sympathia a idéa da representação da peça; o Chefe de Policia,

como prova de admiração ao Auctor, dispensou a leitura prévia do drama, cousa que se não fazia nunca, naquella tempo.

Foi deliciosa a nossa convivência com Bernardo, durante o tempo em que esteve em nossa casa. Era homem alegre, sempre espirituoso. gostava de diversões innocentes, puramente literarias, decifrava em companhia de amigos, charadas e logogryphos, cantava poesias (de preferência as de Gonzaga), com uma excellente voz de tenor, recitava versos de improviso, e fazia *bestialogicos* deliciosos. Sua conversação agradava a todos, grandes e pequenos, letrados e rusticos; tinha um coração bondoso. Ao mesmo tempo que cobria de ridiculo os vaidosos e orgulhosos, parodiando, com graça, os seus escriptos, era amigo dos humildes e gostava de conversar com elles. Passava, por exemplo, horas inteiras, ouvindo meu pae, Cap. José Ignacio da Costa, recitar os dialogos de Carlos Magno e os Doze Pares de França.

Gostava dos ágapes e refeições intimas, nas quaes, rodeado de amigos, pudesse conversar, recitar e ouvir versos. Em certa occasião, cejavam um peru, elle e outros (1). Bernardo e alguns amigos collocaram uma quadra de versos em cada um dos pallitos, que crivavam aquelle assado. Eram admiraveis esses versos de Bernardo, elle proprio declarou-me que jámais se sentira tão inspirado, lamentando não haver guardado alguns desses versos. Era crente sincero e catholico convicto. Não perdia a missa e ficou, certa vez, muito nervoso, porque, durante a estação da missa, sem o querer, distrahidamente, parodiou, durante todo o tempo, mentalmente, os canticos de uma devota, que estava perturbando o silencio religioso da solemnidade.

Era, realmente, muito distrahido. Indo a Marianna em um pessimo burro, de volta queixou-se de que, invertidos os papeis, fôra elle que carregára a cavalgadura, durante todo o caminho. Fôra para contractar a publicação de obras suas e levava estes trabalhos; pois bem: só, ás nove horas da noite, quando palestrava com o dr. Lagoa e outros, lembrou-se de seus manuscriptos e verificou que os havia perdido, na viagem... «Ora, perdi todos os meus papeis no caminho de Marianna», disse com a maior frescura e continuou muito calmamente a conversar, como se não houvesse acontecido nada. Mandámos logo um portador, que encontrou os papeis, á entrada da cidade.

Certo dia, desapareceu, indo morar com o prof. Ovidio João Paulo de Andrade, de onde me escreveu uma carta que ainda conservo, pedindo que lhe mandasse suas camisas, sua botina de verniz, sua escova de dentes e seus rascunhos.

Tempos depois, passeando nós dois, juntos, Bernardo disse-me de repente: «Carlos, foste meu discipulo e és meu amigo; devo casar-me com d. Thereza?» Respondi-lhe affirmativamente e, depois de casado, pagou-me elle esse conselho, abraçando-me e declarando-me, em

(1) O poeta Aureliano Lessa tomava parte na coisa.

uma expansão de alegria: «Carlos, foi uma felicidade para mim casar-me com a filha de D. Felicidade!»

Realmente, d. Felicidade tratava o poeta com o carinho de uma verdadeira mãe.

Depois de seu casamento, Bernardo residiu muito tempo com ella, em um sitio denominado *Rancharia*.

Foi nesse tempo que se deu o seguinte e curioso episodio:

Em companhia do Commendador Paula Santos (avô de Santos Dumont), eu acompanhava a Brigada Mineira, que, sob o commando do coronel Galvão, partia para o Matto-Grosso.

Lá estava tambem o poeta. Apenas me viu, chamou-me de parte— e disse:

«Minha sogra, Carlos, ha mais de tres mezes, não me deixa tomar um *telles*!»

Perto, o rancho regorgitava de passageiros, de regresso do Rio de Janeiro. Fomos para lá e entrámos.

Muitos estavam deitados em suas rédes de *lucum* e outros em suas canastras. Nenhuma attenção nos deram, pois, não conheciam o poeta.

Bernardo tirou um tição e, ascendendo o cigarro, disse, muito calma mente, e, fitando um, que estava na réde mais proxima:

«Das costellas de Sansão
Fez Ferrabraz um ponteiro,
Só para coser um cueiro
Do filho de Salomão...»

Todos accorreram e escutavam attentos. Bernardo continuou:

«Oema embora a Humanidade!
Cáiam coriscos e raios
Chovam chouriços e palos
Nas azas da tempestade...»

Triumpho sempre a verdade,
Com quatro tochas na mão.
O mesmo Napoleão,
Empunhando uma raio aceso,
Supportar não pôde o peso
Das costellas de Sansão!...

Applausos por toda parte. Um delles abriu uma garrafa e offereceu ao poeta um calice de excellente vinho. Bernardo bebeu e continuou:

Quando Horacio foi á China
Vender sardínhas de Nantes,
Viu tresentos estudantes
Reunidos numa tina!

Mas sua peor mofina,
E sua grande afflicção
Foi ver de rôjo no chão
Noé virando cambotas
E Moysés calçando as botas
Do filho de Salomão!...

A um sujeito, que estava deitado proximo, disse: «E tú, que és o primeiro espirro, que Adão deu no Paraizo?»

Todos affirmavam, una voce: «E Bernardo Guimarães, é Bernardo! (Eram todos de Diamantina, já se sabe; são todos intelligentes).

Nesse momento, montavam a cavallo meus companheiros, sahi, apressado, deixando Bernardo, recitando.

Quando morava em Queluz, escreve-me, pedindo-me noticias de seu drama e dando-me conta de outros, que estava escrevendo.

Eis a carta:

Carlos.

Queluz, 14 de dezembro de 1876.

Muita atrapalhação, alguns affazeres, alguma molestia e alguma preguiça, não pouca, não me permittiram promptificar o Drama «Os Inconfidentes», como eu pretendia, e tinhamos conversado, para a Sociedade Dramatica de S. Miguel do Piracicaba da-o a 2 de dezembro do corrente. O trabalho, aliás, não era insignificante.

Relendo esse drama, achei-o soberbamente defeituoso e carecendo de ser refundido completamente. E não podia sahir cousa muito boa. Melhor do que ninguem, sabes com que pressa, e em que circumstancias manipulei semelhante droga. Agora, desejo saber si, em qualquer outro tempo, serve. Si servir, porei mãos á obra e lá para Janeiro estará prompto; assim como tambem poderei fornecer, para o mesmo Theatro, a «Captiva Izaura», que está promptinho, ou outra qualquer composição dramatica, que me sahir da cachola.

Conversa, pois, com os interessados a esse respeito (parece-me que são os Vellosos) e manda-me resposta com a brevidade que pudes. Agora, outro assumpto.

Quando estiveres com o nosso bom visinho, e meu amigo e confessor, o piedoso Anachoreta—D. Frei Sebastião de Santa Perpetua, (1) queira apresentar-lhe os meus respetos e pedir-lhe sua santa benção para este seu humilde irmão e servo no Senhor, assegurando-lhe que nunca delle me esqueço em minhas orações e praticas devotas, de jejum e abstinencia.

Communica-lhe tambem a noticia que este seu humilde famulo está compondo uma jaculatoria mui devota e pede sua benevola auctorisação

(1) Capitão Augusto Pinto, official da Secretaria da Instrução Publica, amigo do poeta e meu.

para que este fraco producto lhe seja dedicado e debaixo de seu apostolico patrocínio possa correr mundo. Adeus, Carlos; goza saúde e prosperidade, e acceita os protestos de sincera estima e affeição do Teu amigo velho Bernardo Guimarães».

Morava o poeta em Ouro Preto, quando alli chegou Sua Magestade, o Imperador Pedro II, o qual lhe pediu as suas obras.

Bernardo foi, acompanhado de suas filhas e de um criado, carregando uma bandeja, cheia de livros. A seu pedido, acompanhei-o.

Já havia principiado a orchestra, no Palacio da Assembléa Provincial, quando entrámos pelo corredor.

D. Pedro, vendo o, levantou-se logo e, com elle, todo o auditorio.

Sua Magestade dirigiu-se ao poeta: «Como vae, Sr. Bernardo?

Estas são suas obras? Elle apontou para as filhas «E estas tambem.»

D. Pedro riu-se.

Retirei-me. Elle, tendo perdido o chapéo, não pôde sahir e logo improvisou o seguinte:

«Hoje, a casaca enverguei
(Cousa que muito me custa),
Para ver a face augusta
Do Rei, que sempre estimei.
Como aconteceu, não sei,
Pois que estando em Palacio,
Aconteceu-me um labéo,
Julgando ir para o céo,
Fiquei qual um pascacio,
De casaca e sem chapéo.»

O governo provincial deu-lhe uma modica pensão, para escrever a historia mineira.

Abalou-se muito com a «morte repentina» de seu filhinho ~ João Nabor. (1)

Era uma creancinha interessantissima.

Certo dia, entrou em minha casa. Assentou-se. «Oh! meu filhinho, você está passeando?» «Não, vim visitar o Senhor, que é amigo de meu Pae». Dez minutos depois, levantou-se. «Pois já vae?» «Vou; mas deixo-lhe o «O' doce»—da Salve Rainha...» Tinha elle apenas dez annos.

Era o poeta muito amigo do capm. Francisco Felicissimo. Encontravam-se sempre em um logar perto da casa de minha residencia.

(1) Essa creancinha, que fazia as delicias de sua familia, encontrou um vidro que continha um veneno mortifero, sacudiu o vidro e bebeu, envenenando-se. Isso deu-se porque a casa, onde se achavam, havia sido uma pharmacia e lá seira o vidro do toxico.

«Chico, dizia elle, quando eu morrer, você ha de ir como meu ordenança». Esta phrase elle repetia sempre. (1) Coincidencia interessante! Ambos falleceram a 15 de agosto, um no principio, outro no fim da mesma rua (Rua das Cabeças). O pessoal que tomou parte no sahimento do Bernardo, passou pela casa do Felicissimo, levando os dois juntamente, no mesmo prestito funebre...

Bernardo tinha excellente voz de tenor; era bom musico e assim poz em musica diversas poesias suas e de outros, entre as quaes, esta:

«Pensam que vejo
 Não vejo
 Não vejo que cego estou.
 De que me serve ter olhos
 Si minha luz se acabou!
 Ah! não deixes que eu me perca
 Nesta immensa escuridão
 Oh! anjo, que me castigaste,
 Vem, ao menos, dar-me a mão...»

Bernardo Guimarães era incorruptivel; não elogiava a ninguem por interesse; pois nunca se esquecia de que pertencia ao numero daquelles que, antigamente, eram considerados de geração divina: «sacer interpres Deorum»; e procuravam abrandar costumes «ridendo castigat mores»; moderar as más paixões e lascivos affectos «concupitus prohibere vago... Dare jura maritis...»

Além das lições, que me dava, de latim, francez e historia, falava-me sempre do Evangelho. Um dia, não se exprimiu bem sobre o mysterio da transubstanciação de Nosso Senhor Jesus Christo. Deixou, pela expressão de sua physionomia, transparecer que não o comprehendia. Pois bem: na madrugada do dia 15, de sua morte, appareceu-me em sonhos, dizendo-me:

Eis a Hostia Sagrada
 Feita de Nosso Senhor;
 Trazida nas azas da morte
 Trazida nas azas do amor...

E eu perguntei-lhe, no sonho, «Feita de Nosso Senhor ou por Nosso Senhor? — «De Nosso Senhor», respondeu-me.

Acordei e levantei-me. Disse á minha mulher: «Morei sempre com Bernardo Guimarães e nunca pude aprender a fazer um verso. Entretanto, esta noite, elle veio recitar esta quadra, e repeti os versos. No mesmo momento, uma pessoa falou na rua ao Manoel dos Santos Leal: «Morreu o dr. Bernardo Guimarães...»

(1) O capitão Felicissimo, na qualidade de official reformado do Exército era sempre convidado para ajudante de ordens dos presidentes. Bernardo, pois, ençovava com elle, lembrando sua qualidade de official, ajudante de ordens.

Bernardo Guimarães não foi, em seu tempo, muito applaudido nos círculos literarios do Rio de Janeiro, porque criticou, com muito espirito, a «Nebulosa» do Macedo, a mais importante das composições desse escriptor.

Ora, Macedo era o oraculo daquelle tempo e apezar da grande amizade que o grande artista dramatico João Caetano votava ao poeta foram baldados os seus esforços. Os dramas de Bernardo foram sempre rejeitados pelo Conservatorio Dramatico do Rio, por influencia de Macedo.

Era muito trabalhador Bernardo Guimarães; não corrigia muito seus versos. Não se esquecia dos preceitos de Quintiliano: «Ipsa emendatio finem habet» e nem do que dissera Catullo, a respeito do poeta Helvecio Cina, que nove annos gastára para compôr o seu poema intitulado Smirna e outros tantos para corrigil-o e emendar.

Eis o que me occorre sobre a pessoa do poeta Guimarães, cuja biographia, aliás, é bem conhecida e, como todos comprehendem, não cabe nestas toscas e despretenciosas linhas.

Bello Horizonte. 15 de agosto de 1925.

Carlos José dos Santos.

(1) A parte mais interessante da critica é a seguinte: Uma certa nymphá sahia pelos bosques, gritando: «Jámais!» E os échos respondiam: «Te verei!...» E Bernardo, parodiando, disse que a nymphá gritava: «Jámais!» e os échos respondiam: «Peixe frito!»